

KOSMIKA, BANDA E GRUPO DO CAPS II PONTA DO CORAL

Band and therapeutic group from CAPS II Ponta do Coral

Laura Antonow Lemos¹

RESUMO

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) configuram-se como serviços substitutivos aos modelos hospitalocêntricos de saúde mental, fundados pelos princípios do cuidado em liberdade, da autonomia dos usuários e da reinserção social. Nos CAPS destacam-se as oficinas coletivas, que atuam como dispositivos de socialização, autonomia e produção subjetiva. Este artigo discute o potencial das oficinas musicais como estratégias de atenção psicossocial, apoiando-se principalmente na psicologia social crítica e sócio-histórica. A partir dessas referências teóricas, apresenta-se a experiência da banda Kosmika, criada em 2022 por usuários e profissionais de um CAPS em Florianópolis (SC). A prática evidencia a apropriação musical como mediadora de vínculos sociais e promotora de expressão subjetiva e conclui-se que oficinas musicais em formato de banda podem constituir importantes dispositivos terapêuticos no campo da atenção psicossocial, fortalecendo processos de cidadania, singularização, potencialização e protagonismo.

ABSTRACT

Psychosocial Care Centers (CAPS) are configured as services that substitute hospital-centered mental health models, founded on the principles of care in freedom, user autonomy, and social reintegration. In CAPS, collective workshops stand out, acting as devices of socialization, autonomy, and subjective production. This article discusses the potential of music workshops as strategies of psychosocial care, relying mainly on critical social psychology and the socio-historical perspective. Based on these theoretical references, the

¹ Graduanda de psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, já foi extensionista no CAPS II Ponta do Coral e atualmente é integrante da banda Komiska. Contato: 9antonow@gmail.com

experience of the band Kosmika is presented, created in 2022 by users and professionals of a CAPS in Florianópolis (SC). The practice highlights musical appropriation as a mediator of social bonds and a promoter of subjective expression, and it is concluded that music workshops in the form of a band can constitute important therapeutic devices in the field of psychosocial care, strengthening processes of citizenship, singularization, potentiation, and protagonism.

Introdução

O presente trabalho visa apresentar a banda Kosmika, formada por psicólogas e usuários do CAPS II Ponta do Coral, mostrando as bases teóricas que sustentam os valores terapêuticos de um grupo terapêutico no CAPS no formato de uma banda, de acordo com os princípios da reforma psiquiátrica brasileira.

Os CAPS e a Reforma Psiquiátrica

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são instituições públicas vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) e integram a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), tendo como objetivo acolher e oferecer tratamento a pessoas que estão em situação de sofrimento psíquico grave e/ou persistente. O propósito dos CAPS é promover a integração dessas pessoas à sociedade e ao seu território, por meio do cuidado biopsicossocial. Os fundamentos que regem as diretrizes do CAPS foram estabelecidos pela lei nº 10.216 de 2001 (Brasil, 2001), também conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica (RP), que garante os direitos das pessoas em relação ao tratamento em saúde mental. Têm-se como pressuposto o direito ao respeito, o tratamento humanitário – preferencialmente em serviços comunitários –, e a recuperação por meio da inserção familiar, do trabalho e da comunidade. A instituição busca assegurar a autonomia do usuário no seu processo de tratamento (Conselho Federal de Psicologia, 2021), garantindo proteção, sigilo e acesso a informações sobre aspectos do seu transtorno e tratamento. Em resumo, considerando-se um serviço substitutivo, os CAPS objetivam ser uma

alternativa humanizada para instituições como hospitais psiquiátricos, guiando-se por uma lógica antimanicomial.

Quando o profissional da psicologia atua dentro das instituições CAPS, ele está inserido no contexto da saúde mental, cujo objetivo é promover a saúde integral e bem-estar sobre as questões subjetivas dos sujeitos em diversas situações, bem como construir uma articulação com a rede comunitária, pública e municipal entre as diferentes instituições capazes de atuar em diferentes dimensões. Dentro da RP, este campo é pautado atualmente pelo cuidado em liberdade, preocupando-se com a produção de subjetividades que se reconheçam como cidadãos, valorizando a vida em sociedade, sua história e seu território, produzindo assim a autonomia e empoderamento dos usuários para que estes possam protagonizar os caminhos das políticas de saúde mental (Schneider, 2015).

Um dos caminhos possíveis de promoção de saúde mental dentro da instituição é a realização de Oficinas coletivas, nas quais os usuários são encaminhados pelos próprios profissionais do serviço, a partir do conhecimento dos casos em particular. O trabalho grupal é, na proposta do CAPS, o principal eixo de tratamento recomendado, como apontado pelo Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2004; Nunes et. al, 2015), em que é definido que as oficinas devem ser oferecidas pelos CAPS, podendo ser das seguintes modalidades: expressivas, geradoras de renda, ou de alfabetização.

As oficinas terapêuticas, por sua vez, são destacadas como as principais formas de tratamento nos CAPS, pois seus objetivos – promoção de saúde mental por meio do desenvolvimento de habilidades, da autonomia, e do exercício da cidadania, que se dão a partir do trabalho e da expressão de sentimentos, emoções e das vivências – se aproximam dos moldes psicossociais (Ribeiro et. al 2008). A partir das contribuições da psiquiatra Nise da Silveira, que reformulou a prática de acordo com estes moldes, destacando um carácter não obrigatório, com trabalhos manuais, atividades de expressão e atividades recreativas, as oficinas foram referenciadas como promotoras de grandes transformações (Nunes et. al, 2015).

Grupos e oficinas

Como já mencionado, prescreve-se que as atividades em grupo são uma das principais modalidades de atividades terapêuticas a serem ofertadas pelos CAPS, destacando-se aqui, as oficinas terapêuticas, dado o seu viés de promoção da atenção psicossocial. As oficinas mostram-se como centrais para a proposta CAPS, pois são espaços de socialização em que a expressão dos usuários não só é ouvida e acolhida, como também conduz andamento e processo da própria oficina. Nas oficinas, a subjetividade é produzida e manejada de forma que as interações surgidas no ambiente se deem em pé de igualdade entre usuários e profissionais. Assim, os usuários têm suas formas de ser validadas e são postos em condição de estabelecimento de contratos, exercendo seu poder de decisão e de participação nas relações sociais. Esta posição ativa em que se coloca o usuário é considerada uma via de promoção de sua autonomia e cidadania (Ribeiro et. al, 2008).

A socialização das oficinas também é geradora de vínculos dos usuários entre si e com os profissionais, estabelecendo laços afetivos e mingando a exclusão social dos usuários. A verbalização das suas vivências e a escuta do outro são formas de inserção no laço social, promovendo reinserção psicossocial (Ribeiro et. al, 2008). Dessa forma, o respeito às singularidades e aos direitos destes sujeitos na construção de diálogos que os considerem em suas totalidades são uma das maiores conquistas na atenção psicossocial (Ribeiro et. al, 2008).

Fernandes et. al (2003) aponta como que, em casos de centro de saúde e também com pacientes psicóticos, é interessante que se evite interpretações dos terapeutas sobre os pacientes. É preferível dar maior relevância para as interpretações que ocorrem dentro do grupo, possibilitando que essas interpretações, construídas pelos pacientes, sejam mais significativas, construindo um conhecimento coletivo e pondo em evidência o vínculo de cada integrante com o grupo como um todo.

Sendo assim, o papel de um coordenador nesse tipo de atenção aproxima-se das concepções de Gayotto (2003), que entende a ação do grupo não pertence ao coordenador, mas que este é fundamental para assegurar um

espaço psicossocial em que os integrantes, munidos de suas experiências vividas, possam construir juntos uma forma própria de operar. Ordenando, junto aos participantes, o pensar e o agir articulados, o coordenador pode auxiliar nos momentos de dificuldades tornando o grupo mais competente para tomar decisões e soluções que mostrem o protagonismo e a criatividade de seus integrantes.

Arte e música

Enquanto a arte, podemos compreendê-la tanto como recurso estético e de coesão grupal, seja para proporcionar o próprio encontro das oficinas ou para estimular conversas e afetos, quanto para produzir/ampliar modos de subjetivação capazes de gerar formas mais potencializadoras de se relacionar com o mundo. Sawaia (2006) aponta como a arte, a partir de conceitos de Vygotsky (1998, apud Sawaia, 2006.), pode ser considerada como a “técnica social dos sentimentos”. Para este autor, o desenvolvimento humano, com suas técnicas cada vez mais complexas, é capaz de superar as superstições contidas nas ideologias e na inconsciência política; a arte, assim, é a principal manifestação dessa qualidade. Com sua capacidade catártica, a apreciação e a produção artística, mediando imaginação e fantasia, leva o indivíduo a organizar o nexo de suas funções psicológicas superiores, permitindo que este supere seus limites particulares. Sendo assim, a experiência estética torna-se até mesmo uma necessidade humana.

A música, por sua vez, a partir de uma concepção referencialista (Wazlawick, 2020), pode ser considerada enquanto linguagem. Sendo assim, e considerando as concepções de pensamento e linguagem de Vygotsky, desta vez referenciado por Maheire (2008), a música, enquanto linguagem, faz parte da forma como o sujeito significa o mundo ao seu redor. Para a perspectiva histórico-cultural, o sujeito é produto e produtor do contexto em que vive, apropriando-se de seu ecossistema por meio de uma complexa relação entre pensamento e linguagem, relação que é o ponto nodal para a compreensão de sua consciência (Maheire, 2015). Consciência esta que, como citado no parágrafo acima, é criadora e possui necessidades estéticas.

Desta forma, a música e seu processo de criação é um produto histórico-social e uma forma de linguagem – composta por uma dimensão afetiva: a dos sentidos –, cuja função simbólica é capaz de traduzir e revelar toda uma constelação de significados que compõe a forma (singular e coletiva) que o sujeito se apropria de seu mundo, em seu tempo e seu lugar (Maheire, 2003). Sendo a música algo sempre localizado no tempo e no espaço, os elementos sonoros que a compõem são fatores compartilhados por uma comunidade (Wazlawick, 2020), decorrendo que, ao sujeito experienciar e experimentar com tais elementos, ele entra em contato direto com a cultura e a criação humana de seu meio.

Nessas concepções, a música consegue promover uma sensibilidade coletiva ao ser compartilhada. Pois, ela pode propiciar ao ouvinte e ao praticante novos elementos cognitivos que, trabalhando simultaneamente na dimensão dos sentimentos e das emoções, conecta afetivamente as pessoas envolvidas com a atmosfera musical (Sawaia, 2003, apud Maheire, 2008). Promovendo, assim, novas formas do corpo afetar e ser afetado, aumentando sua potência de ação no mundo através de maiores possibilidades criativas e estéticas na sua relação com o meio. Sob estes termos, a música, através de oficinas, pode ser instrumentalizada pelo modelo de atenção psicossocial.

Oficinas e Música

Uma oficina musical, por sua vez, exerce a terapêutica a partir de um entendimento da música como ferramenta, processo e experiência estética; não sendo finalidade, mas sim meio. Arndt e Maheire (2017), a partir de um trabalho em CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) contam como a experiência musical em contexto comunitário pode resultar em “aumento na potência de existir dos participantes e a criação de um processo coletivo na construção de um NÓS, inaugurando modos de agir, pensar e sentir” (pp. 439).

Na musicoterapia de perspectiva social e comunitária com contribuições da psicologia sócio-histórica, a experiência estética é considerada a partir da relação do(s) sujeito(s) com os elementos musicais constituintes do tecido sonoro e, posteriormente, do seu produto, sendo essa uma relação de

apropriação, em que o processo criativo musical se dá sobre a livre combinação destes elementos.

O NÓS é um processo dialógico em que a experiência torna-se uma multiplicidade de singularidades: São afetações mútuas em que se pode recriar sensibilidades e sentidos num encontro grupal em que cada indivíduo é o grupo, em que cada indivíduo é mediador e mediado, partícipe e totalidade.

Estes encontros aumentam a potência de ação dos participantes, uma vez que afetos gerados pelo grupo e pela relação com a experiência estética expandem o corpo e sua capacidade de agência sobre o mundo, de afetar e ser afetado. Além disso, situam os participantes em uma posição escancaradamente ativa com a cultura, colocando-os em relação criativa com a história singular e coletiva que permeiam os processos musicais. É uma forma de inserção social.

Outra contribuição importante é o trabalho de Cavagnoli et. al (2020) que, em semelhante prática, utilizaram-se da práxis teórico metodológica G-dex (Grupo Dispositivo de Experiência Estética) em uma pesquisa-intervenção sobre a oferta de oficina musical para jovens em medida socioeducativa. Os autores, concebem o grupo enquanto dispositivo capaz de promover experiências horizontalizadas pautadas pela ética de aumento da potência de ação coletiva. A experimentação estética é o que movimenta o grupo, dando possibilidades para a resignificação de experiências. A música, assim, “é suporte estético que permite o encontro coletivo e a objetivação das subjetividades presentes no grupo” (Cavagnoli et. al, 2020, pp. 57). Além disso, a atividade ficcional artística permite a constituição política de um nós-grupo, que é uma expressão provisória de uma coletividade, criando novas formas de enunciação por meio de uma apresentação ética própria.

A banda Kosmika

A banda Kosmika foi criada em 2022 por psicólogos e usuários do CAPS II Ponta do Coral, em Florianópolis, Santa Catarina. A demanda por uma banda surgiu a partir de um grupo de música que já acontecia no referido CAPS. Alguns usuários participantes do grupo, inspirados também em bandas que

contribuíram para o movimento antimanicomial, como a banda Harmonia Enlouquece, incitaram a criação da Kosmika. Até agora, a Kosmika já teve diversas formações e por ela passaram diversos usuários, mantendo, desde sua criação, mais ou menos seis integrantes originais, e atualmente contando com dez integrantes. A banda já fez muitos shows em CAPS e eventos relacionados à saúde mental, alguns casos organizados pela própria prefeitura da cidade, e em outros, por exemplo, por escolas de carnaval. Em 2024 a banda participou e ganhou um edital para produzir duas de suas composições autorais, que hoje estão nas plataformas digitais. Em 2025 a banda tocou no 1º Congresso Brasileiro de Arte, Cultura e Saúde Mental.

Na Kosmika, as psicólogas presentes no grupo não ofereceram uma organização ou uma dinâmica grupal a priori, o que condiz com as práticas de G-dex (Cavagnoli et. al, 2020) e as indicações de Fernandes et. al (2003). A atividade dos psicólogos na mediação do grupo consistiu em manter a horizontalidade das relações, alugar o estúdio, auxiliar na inscrição de editais e, enfim, assegurar que os ensaios e a música acontecessem. Além disso, intervir quando o grupo tem momentos de conflito.

Assim, dá-se espaço para a experimentação estética dos usuários, permitindo que os ensaios sejam conduzidos por relações horizontalizadas pautadas pelo desejo musical. Dessa forma, a música pode se configurar como um lugar de encontro, em que os usuários compartilham suas experiências e significados, acerca não apenas dos elementos musicais, mas também do contexto que aqueles elementos traziam, dando suporte para a resignificação de experiências e, por conseguinte, a elaboração de um modo de ser e estar no mundo mais singularizado. Com isso, vale lembrar que os trabalhadores em CAPS e atuando na atenção psicossocial têm como objetivo, de acordo com Argiles et. al (2017), a produção de subjetividades singularizadas, sendo a singularização a capacidade de criação de novos territórios existências, para além dos modos homogeneizantes de ser.

Os integrantes da Kosmika ao longo dos encontros vão montando o repertório, trazendo músicas que, de acordo com eles, tem alguma ligação com a temática de saúde mental. Havia também a preocupação de montar um

repertório que permitisse que cada usuário da banda pudesse ter um momento de protagonismo, levando em conta que alguns tinham mais afinidade com certas músicas do que com outras. Ou seja, havia uma preocupação constante de horizontalizar as relações, sendo que, no meio musical, é comum a existência de hierarquias que favorecem as pessoas com mais expertise na linguagem da música. Também, isso mostra como é importante, numa oficina em contexto de CAPS, um manejo das relações que, além de sempre atentar para os efeitos terapêuticos (Grigolo et. al, 2015), criação de um ambiente em que a diversidade possa conviver e ser respeitada (Ribeiro et. al, 2008).

A configuração grupal de um NÓS permite que diferentes sensibilidades entrassem em contato, recriando-se a partir do encontro grupal (Arndt & Maheire, 2017). E, deste modo, todos os indivíduos se coordenam tendo em prol uma melhor harmonização dos sons, para que, não só soassem agradáveis, mas que expressassem os sentidos e significados contidos nos elementos musicais. Além disso, coloca-se em prática a elaboração de contratos entre os integrantes da banda, definindo quem vai cantar, qual levada seria escolhida, enfim, permitindo que a autonomia fosse desenvolvida através de diálogos que respeitassem as singularidades de cada um (Ribeiro et. al, 2008).

As relações entre os participantes, entretanto, não foram apenas acordes perfeitos maiores, houveram dissonâncias. As dificuldades de relação dentro do grupo eram comumente significadas entre os participantes com frases como “é normal em uma banda ter conflitos”. Assim, não só as relações mas também as apresentações apresentavam-se, hora como grandes estressores, hora como grandes motivadores. Moscovici (2005), defende uma visão de que o conflito em um grupo não é necessariamente algo patológico ou negativo, mas que, ao contrário, são componentes inevitáveis da vida grupal e podem servir como base para verdadeiras transformações. Assim, é interessante referenciar que o grupo propõe um espaço dialógico que, através do compartilhamento de experiências, há a possibilidade de criação de novos sentidos, encontro e junção de diversas visões parciais e, conseqüentemente, de desenvolvimento (Pereira & Sawaia, 2020). Com isso, pode-se observar, na

atuação do e da psicóloga, uma preocupação em ajudar a superar os conflitos justamente para desenvolver no grupo uma forma mais competente de tomar soluções e decisões, o que irá refletir tanto no processo grupal, quanto na vida de seus integrantes (Gayotto, 2003).

Conclusão

Frente a essas experiências, pode-se observar muitos deslocamentos entre os membros da banda. O projeto continua, o grupo ensaia suas composições (e quem não compôs ainda está sendo incentivado a fazê-lo), participou de editais e realizou já gravações em estúdio de músicas autorais da banda. Mais importante, os membros da banda que continuaram aprofundaram as relações entre si e entre a cultura. Souberam de histórias um do outro, pois cada canção que (se) toca diz da vida que se leva. A poesia, o ritmo, a melodia e os acordes compartilhados aumentaram o repertório musical de cada um, dando mais subsídios para cada músico expandir sua potência de ação no mundo, carregando mais versos e mais acordes para afetar e ser afetado.

Com isso, torna-se evidente o valor terapêutico que uma oficina de música, operando em formato de banda, pode promover em contexto de atenção psicossocial, através do fomento da autonomia, cidadania e produção de subjetividades singularizadas. É possível mesmo considerar a banda enquanto dispositivo privilegiado de experimentação estética, de configuração grupal, de produção de sentidos por meio da linguagem da música, e, principalmente, de inserção social através de lugares valorizados e que têm o poder construir uma cultura que valorize mais a alteridade – este lugar é a arte e a música.

Bibliografia

- Argiles, C. T., Kantorski, L. P., Willrich, J. Q., & Coimbra, V. C. (2017). Processos de singularização no modo psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27, 61-77.
- Arndt, A. D., & Maheirie, K. (2017). A música como mediadora de encontros em um CRAS. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 439-452.

- Brasil (2001). Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001: dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, 09 Abr 2001. p. 2.
- Cavagnoli, M., Granella, M. L. S. G., Primo, N. C., & Backes, V. P. (2020). Grupo-dispositivo de experiência estética: música e emancipação na Atenção Psicossocial a jovens em Medidas Socioeducativas. Revista Rizoma.
- Conselho Federal de Psicologia. (2021). Referências técnicas para atuação do psicólogo nos centros de atenção psicossocial. Brasília: CFP
- Fernandes, W. J.; Svartman, B., Fernandes, B. S. & cols. (2003). Grupos e configurações vinculares. Porto Alegre: Artmed
- Grigolo, T. M., Peres, G. M., Junior, C. A. G., & Rodrigues, J. (2015). O projeto terapêutico singular na clínica da atenção psicossocial. Cadernos Brasileiros de Saúde mental/Brazilian Journal of Mental Health, 7(15), 53-73
- Gayotto, M.L.C. (2003). Liderando II: aprenda a coordenar grupos, Petrópolis: Vozes.
- Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. Psicologia em estudo, 8, 147-153.
- Maheirie, K., Strapazzon, A. L., Barreto, F. R., Lazzarotto, G. T., Zonta, G. A., Soares, L. S. A., ... & Shoefel, S. A. (2008). (Re) composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 60(2), 187-197.
- Maheirie, K., Smolka, A. L. B., Strapazzon, A. L., Carvalho, C. S. D., & Massaro, F. K. (2015). Imaginação e processos de criação na

perspectiva histórico-cultural: análise de uma experiência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32, 49-61.

Ministério da Saúde (2004). *Saúde mental no SUS: Os centros de atenção psicossocial*. Brasília, DF: Autor.

Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P., & Castro, P. A. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *CIAIQ 2017*, 3.

Moscovici, F. (2005). *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. 15a. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio

Nunes, V. S., de Albuquerque Torres, M., & Zanotti, S. V. (2015). O psicólogo no caps: um estudo sobre oficinas terapêuticas. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 5(2), 135-146.

Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. Pedro e João Editores.

Ribeiro, L. A., Sala, A. L. B., & Oliveira, A. G. B. D. (2008). As oficinas terapêuticas nos centros de atenção psicossocial. *Revista Mineira de Enfermagem*, 12(4), 516-522.

Sawaia, B. B. (2006). Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: da Ros; Maheirie; Zanella (orgs.) *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos em experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC

Schneider, D. R. (2015). Da saúde mental à atenção psicossocial: trajetórias da prevenção e da promoção de saúde. Em, Murta S. H., Leandro-França C., dos Santos K. B., Polejack L. (Ed.), *Prevenção e Promoção em Saúde Mental* (pp. 27 - 53). Sinopsys Editora.

Wazlawick, P., Camargo, D. D., & Maheirie, K. (2007). Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em estudo*, 12, 105-113.

